

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

ÉTICA, EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: contribuições da ética do discurso à práxis educativa.

Autor: *Valmir José Soares.*

Orientador: *Prof. Dr. Carlos Willians Jaques Morais¹.*

Resumo: Este artigo é o resultado de pesquisa-ação realizada com professores de todas as áreas do ensino médio da rede estadual de educação do município de Arapoti-PR, como requisito parcial para a conclusão do PDE/2014. Assim, optou-se pelas ações propostas na Unidade Didática relacionando as áreas de Ética, Educação e Avaliação. Adota-se como referencial teórico para o desenvolvimento do trabalho Kant, Habermas, Luckesi e Paulo Freire. Por meio da pesquisa bibliográfica foram desenvolvidas as seguintes propostas e concluiu-se que ações para reflexão de nova perspectiva de olhar ético, através da teoria da linguagem, são necessárias ao professor de todas as áreas de modo que as mediações realizadas sejam projetadas em sala de aula e, por conseguinte, se tornem mais significativas, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico de professores e estudantes.

Palavras-chave: Ética. Linguagem Comunicativa. Avaliação. Educação Emancipatória.

¹ O autor é: Professor de Filosofia da Educação Básica Pública (FAI), especialista em Educação Especial (UNIVALE) e concluinte do PDE 2014.

O Orientador é: Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é Docente do Departamento de Educação, Docente do Programa de Pós-graduação em Jornalismo – Mestrado e Coordenador do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, educação, ética, Kant, Habermas e Höffe.

Introdução

A ética ou filosofia moral é um dos mais discutidos e polêmicos temas da sociedade contemporânea, porém, visa sempre um bem coletivo maior. Desse modo, abordei um direcionamento educacional escolar com o objetivo de refletirmos sobre avaliação e desempenho dos alunos, na tentativa de encontrar caminhos que conduzissem a mudanças nas formas de comportamentos avaliativos. Sabe-se que os problemas morais não se limitam a esse ou aquele grupo social, desse ou daquele indivíduo, mas que se encontram intrinsecamente relacionados aos conceitos pré-estabelecidos, às tradições, aos costumes e aos valores que constituem o entendimento e, muitas vezes, passados na cultura, e não na ciência e na razão. Assim, esse estudo procurou defender a tese de que a educação moral procura ir além da tradicional disciplinarização devendo centrar-se na formação do sujeito moral, tendo como intenção a virtude e o dever da justiça no diagnóstico e avaliação dos alunos.

Esta situação estimulou o projeto aqui desenvolvido com o objetivo de levar os professores do Ensino Fundamental a refletirem sobre a valoração ética na sociedade contemporânea, a partir das obras de Kant, Habermas, Luckesi e Paulo Freire por meio de um olhar mais racional, tentando excluir o preconceito avaliativo do aluno em sua totalidade.

Desse modo algumas foram as perguntas geradoras desta pesquisa:

- Como possibilitar/mediar ao professor uma aproximação ética e um diálogo qualitativo melhor fundamentado na racionalidade e na transformação do olhar?
- Como levar o professor ao entendimento de que a filosofia (tendo como objeto à ética) e suas conceituações na linguagem são elementos fundamentais para a aquisição da razão e transmissão de conhecimentos?
- Quais são as formas de compreender e ressignificar o mundo o outro e a nós mesmos através da Teoria da Ação Comunicativa?
- Seria possível despertar nos professores o desejo de filosofar os clássicos fazendo analogias contemporâneas sem falsas pretensões de validade do discurso empobrecendo as conceituações, mas despertar nos alunos as potencialidades de aprendizagem através da Teoria da Comunicação as quais seriam externadas nas avaliações.

- Seria possível aos professores perceberem com maior clareza questões relacionadas ao critério avaliativo de modo intersubjetivo e direcionados a emancipação dos agentes envolvidos?
- De que modo unir essas diversas questões a uma necessidade maior de ampliar a fluência da linguagem associada à racionalidade contemporânea?

Visando a ampliação do olhar e o desenvolvimento de uma conduta mediadora do conhecimento buscou-se analisar e discutir metodologias relacionadas à ética, educação e avaliação na perspectiva da Teoria da Ação Comunicativa para a reflexão crítica, sistematizadas às leituras dos teóricos refletidos em três etapas: desenvolver, analisar e interpretar. Esses fatores contribuindo e sensibilizando o olhar para a reflexão racional crítica e com essa competência, o professor se capacitasse a um conhecimento de maior racionalidade, e não um olhar contaminado, reducionista e distante das possibilidades éticas associadas à educação, mas sim uma visão comunicativa e livre para interferir e expandir os sentidos e a visão de mundo.

Jürgen Habermas² é o filósofo mais expressivo na Teoria da Ação Comunicativa da contemporaneidade. Sendo pouco conhecido entre os professores, sentiram-se surpreendidos por esta escolha. Assim, que se permitiram aprofundar na Teoria da Linguagem aplicada à educação diversos olhares e questionamentos aconteceram propiciando adotar uma visão mais abrangente como método de conhecimento da ação comunicativa aplicada a avaliação com direcionamento ético e emancipatório.

Os professores, em seus relatos, concordaram que ao adotar uma postura intersubjetiva na comunicação tiveram um rendimento mais satisfatório nas análises das avaliações e compreenderam que ao se aprofundar na teoria da linguagem é uma forma de compreender e configurar a capacidade de transmitir significados intersubjetivos e humanos da realidade.

² Jürgen Habermas é um dos pensadores mais influentes do pós-Guerra. Seu pensamento abarca diversos temas – direito, política, história, ética. Nasceu em Dusseldorf em 18 de Junho de 1929. Este fora, também, o ano da fundação da Universidade de Frankfurt, que mais tarde daria ao mundo uma plêiade de intelectuais que marcariam o pensamento filosófico para sempre. Trilhou caminhos próprios ao postular a sua Teoria da Ação Comunicativa. (JUNIOR, 2010, p. 1).

Visando aproximar a escola da filosofia contemporânea, foi levada a bibliografia de Jürgen Habermas e algumas de suas teorias. Com isso foi possível compreender a sua filosofia dentro do contexto da linguagem e mostrar a todos como pode ser produtivo e ético o uso da teoria do discurso em suas aulas tendo seus reflexos na avaliação, pois uma aprendizagem emancipatória mais significativa e consciente orientada à autonomia precisa muito mais que atitudes isoladas e ações esporádicas. Necessita-se analisar o âmbito como se desenvolvem as ações educativas, as pessoas que estão envolvidas nesse processo, a coerência dos procedimentos que se adotam o que se tem e o que se pode fazer para ações mais fundamentadas.

Ao analisarmos a ética do discurso e avaliação, abordamos uma conotação interdisciplinar não em sentido restrito, mas em visão mais abrangente de situação, pois são temas indissociáveis e que envolvem valores, conceitos pré-estabelecidos, atuação didática e inter-relações pessoais. A ética (do grego *ethikós*, “costumes, acompanhamento”) é uma parte da filosofia que “busca refletir sobre o comportamento humano sob o ponto de vista das noções de bem e de mal, de justo e de injusto.” (ARISTÓTELES, 1994).

A ética tem duplo objetivo: o primeiro é orientar o homem para uma ação moralmente correta, e outro é refletir sobre os sistemas morais elaborados pelos homens. Podemos dizer que pertencem ao vasto campo da ética a reflexão sistematizada sobre perguntas fundamentais como: O que devo fazer para ser justo? Que tipo de ser humano devo ser nas minhas relações comigo mesmo, com meu semelhante e com a natureza? Que tipo de atitudes devo praticar como pessoa e como cidadão?

As questões éticas abrangem vasto campo na vida humana. O homem, além de sua dimensão individual, é também um ser social, o agir humano atinge a sociedade e desdobra-se nas ações políticas. Assim, ética e política são saberes complementares, elas são instrumentos pelos quais os homens fazem sociedade. As reflexões éticas não se restringem à busca de conhecimento teórico sobre valores humanos cuja origem e desenvolvimento levantam questões de caráter sociológico, antropológico e religioso. Como filosofia prática ela busca aplicar o conhecimento sobre o ser para construir aquilo que deve ser. Trata-se assim de uma questão

dialética entre reflexão interior e ação exterior. “Afinal a teoria sem a prática é estéril, e a prática sem teoria é ingênua”. (FREIRE, 1996).

Ao aplicá-la no contexto escolar como forma de analisar as avaliações estruturam-se os mesmos princípios epistemológicos e cognitivos, tais como mecanismos conceituais simbólicos. Esses princípios são critérios de sentido que organizam a relação de conhecimento com orientações para a vida como prática social, servindo também para organizar o saber escolar. Salienta-se que a interdisciplinaridade comunicativa no contexto ético educacional é uma forma de mostrar que na análise do discurso faz enriquecer nossa linha de racionalidade, não havendo um discurso único e limitado a determinada disciplina, mas sim um discurso abrangente nas várias formas de conhecimento. É preciso que o professor tenha uma ação consciente para não praticar uma fala que não seja um fim ensimesmado.

Tal reflexão, junto aos professores desejou analisar o exercício do filosofar que consiste em pensar de modo filosófico para construir espaços de problematização, compartilhado com todos a fim de articular os problemas do **mundo da vida** com as respostas e formulações da ética do discurso, proporcionando a criação de novos conceitos sobre avaliação educacional.

Como associar à práxis educativa avaliativa a teoria do discurso de Habermas?

Nas últimas décadas, os teóricos analisam novas formas e meios de se avaliar os alunos de modo socialmente emancipatório. Entretanto vemos a maioria dos professores resistentes à aceitação dessas novas tendências e utilizam-se da avaliação como meio de estratificação social, distanciando-se dos valores a que ela se destina. Não obstante, a exclusão se dá não só pela avaliação, mas pelo currículo como um todo (objetivos, conteúdo, metodologias, formas de relacionamento e linguagem pouco ética).

A teoria do agir comunicativo com suas implicações no processo educativo afirma que o conhecimento humano constitui-se pela ação linguístico-comunicativa, em que a linguagem passa a assumir a função central no processo de produção do conhecimento e da própria realidade vital como prática interativa. Propõe-se nova perspectiva, outro conceito de razão dialógica, que brota do diálogo e da argumentação entre os participantes de uma determinada situação. Sendo esta a

razão que surge da linguagem comunicativa, como meio de conseguir o consenso sendo necessária uma ação social que fortaleça as estruturas e promova condições de liberdade, imprescindíveis ao diálogo.

Habermas propõe o entendimento da verdade não mais como uma adequação do pensamento à realidade, mas como fruto da ação comunicativa. Os professores, em geral, não conseguem aprofundamento epistemológico que lhes de segurança para romperem com práticas conservadoras que não correspondem às necessidades pedagógicas da atualidade. Sabem de teorias inovadoras, mas geralmente sentem-se pouco preparados para interpretá-las e ajustá-las à sua realidade. Assim, as práticas avaliativas carregam ainda muita influência do paradigma tradicional de avaliação. Nesse contexto conservador a atenção dos professores, pais e alunos permanecem voltadas para as notas (conteúdistas), embora elas não sejam indicativos de resultados verdadeiros em relação a aprendizagem.

Houve reflexão com os participantes de nosso grupo de estudos sobre a instrumentalização do conhecimento analisados por Habermas no sentido de fazer uma releitura do modo como a avaliação tem sido abordada uma vez que ela é intrínseca a educação. Porém, hoje, os saberes tornaram-se instrumentalizados, desviando-se de sua verdadeira origem. Há enorme insatisfação por parte dos professores em ensinar os alunos a aprender a apreender o conhecimento. Enfim, são inúmeras as circunstâncias através das quais os professores atribuem notas aos alunos, pontos estes que, somados aos pontos dos testes e das provas para a obtenção de uma média ponderada, decidirá o nível de aprendizagem e grau de classificação do aluno. Nem sempre é o modo mais correto de analisar o conhecimento dos mesmos.

Para que a avaliação educacional escolar assuma seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação também não forem autoritários. Se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de crescimento democrático (LUCKESI, APE, 1988, p. 42).

Alguns professores, em função da formação acadêmica deficiente, ignoram como o aluno aprende, como se desenvolve, como devem lidar com fatores que interferem em seu rendimento como, por exemplo: contexto cultural, ritmo de aprendizagem, interesses pessoais e muitas vezes a avaliação desencadeia condutas impróprias e estranhas ao contexto educativo.

Diante desses entraves pedagógicos pelos quais passa a educação escolar é que a filosofia kantiana contribui com suas reflexões porque é por ela que “o homem adquire sua integridade, recebendo educação de educadores anteriores desenvolvendo lhes qualidade, sendo ela a fonte de todo o bem neste mundo.” (KANT, 2002, p. 23). Após analisarmos alguns fatos relacionados à avaliação e desempenho dos alunos fizemos analogias e questionamentos analisando os conceitos de Habermas.

Qual a importância da educação, avaliação e o mundo da vida a partir de Habermas?

O mundo da vida é um dos conceitos mais influentes de Habermas. Nele o termo ganha novas conotações e marcada relevância tanto em sua forma universal quanto em seu diagnóstico de modernidade. Ele se utiliza da teoria de Kant para argumentar em sentido linguístico e sociológico vindo ao encontro das teorias de Luckesi e de Paulo Freire.

Em sentido sociológico, o mundo da vida é um domínio social constante com os sistemas, marcados por processos comunicativos, fundindo-se linguagem e solidariedade enquanto sentido comum de pertença que se veem como membros de um mesmo todo, dispostos a ajustar seus planos entre si e se socorrerem mutuamente. Nele, prevalece um tipo de ação que é a comunicativa, ou seja, o emprego da linguagem com vista ao entendimento entre os falantes. Nesse sentido Paulo Freire afirma que para educar se faz necessário que tenhamos uma reflexão crítica sobre a prática, pois o aluno aprende enquanto ensina ao mesmo tempo em que o professor ensina enquanto aprende e, é nessa relação dialética e dialógica que se tem uma linguagem comunicativa, emancipatória e intersubjetiva.

A educação deve dar-se a partir da realidade sociocultural e econômica, pois é nela que os educandos que vivem hoje vão viver no futuro como

profissionais: mas isso não pode ocorrer pelo fomento de uma atitude de condescendência com traços desumanos, injustos, destrutivos e antiéticos que esta realidade ostenta. O preço que a escola paga pela submissão acrítica dos ditames da razão instrumental é a perda da dimensão ético-política do projeto histórico de emancipação (GOERGEN, 2005, p. 83).

Em sua análise sobre o mundo da vida, em sentido sociológico, Habermas argumenta sobre três fatores: do ponto de vista horizontal que seriam as instituições e atividades envolvidas com a reprodução simbólica da sociedade (família, associação, igreja) e a principal é a educação. Do ponto de vista vertical o mundo da vida apropria-se de três estruturas: cultura, sociedade e personalidade. A cultura é o nível das crenças dos afetos que são partilhados em comum pelos membros da comunidade. A sociedade é de nível mais ou menos coercitivos em que se realizam as atividades. Já a personalidade é o nível das estruturas de identidade e de motivação que habilitam as pessoas a participarem das dinâmicas sociais.

As situações em que a dinâmica do dinheiro (própria do sistema econômico) e do poder (própria do sistema político) que invadem as atividades do mundo da vida são chamadas por Habermas de “colonizações do mundo da vida” e são analisadas como as principais patologias a que estão expostas a sociedade moderna, a educação e avaliação.

“A ação avaliativa deve propiciar um momento de interação construção de significados, no qual professor e alunos buscam coordenar seus pontos de vista, trocando ideias e reorganizando-as.” (HOFFMANN, 1991, p. 63). Vê-se então a necessidade do professor utilizar alternativas para atingir seus objetivos; pois a linguagem enquanto atividade avaliativa deve contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos através de seus sucessos e fracassos.

Mühl (2003) afirma que Habermas permite, nos concluir, portanto, que a luta da educação deve ser contra o processo de inculcação ideológica da indústria cultural, contra a sua tentativa de transformar os indivíduos em meros consumidores da cultura de massa assim, desmistificando-os do papel de produtores de saber, de valores e de conhecedores da cultura da humanidade. Desta forma, temos a aspiração de fazer dos seres humanos pensadores da cultura que eles mesmos constroem não meros consumidores da cultura alienígena. Sendo assim, é preciso

que a cultura originária do mundo da vida de cada indivíduo torne-se referência primeira no contexto escolar.

Após esta reflexão com as devidas analogias da teoria de Habermas associada à avaliação pôde ser percebido nos diversos debates uma nova perspectiva sobre a significação e ressignificação da avaliação por parte de alguns professores que ainda tem mentalidade reducionista a uma avaliação tradicional a saírem de sua zona de conforto e ampliarem o conhecimento a uma linguagem mais humana e comunicativa.

Diante destes entraves pelos quais passa a educação, os professores puderam, a partir de suas próprias observações, traçarem paralelos a respeito da Teoria da Ação Comunicativa, chegando a perceber que poderiam com maior liberdade refletir suas convicções sobre avaliação a partir de ressignificações advinda de suas ações junto ao contato que estavam tendo sobre sua forma de avaliar o rendimento dos alunos. A professora M., por exemplo, afirmou que ao ler os teóricos sobre avaliação não conseguia “achar significado em mudar sua forma de avaliar”. A professora R., sentia-se num misto de entusiasmo e medo querendo levar aos alunos um discurso “a partir do consenso” da linguagem sem abalar sua autoridade, pois há muito ela pessoalmente sentia o desejo da mudança em suas avaliações ao mesmo tempo em que sentia-se diante de um enigma de difícil solução, mas que a teoria de Habermas abriu-lhe nova fonte de conhecimento e de maior reflexão na análise da avaliação.

Teoria da ação comunicativa: uma reflexão crítica sobre a prática

Kant nos faz pensar numa educação para a autonomia que busca desenvolver a capacidade de quem educa para atingir metas, as quais se propõe com liberdade. Para ele, os conhecimentos que se aprende na escola são importantes porque ajudam os sujeitos a realizar seus projetos os quais devem ser livres e racionais, porém o conhecimento não está imune à ação da ideologia e isso deve ser levado em consideração quando se pretende educar para a autonomia.

Ao se referir à ética, Kant afirma que a consolidação do caráter na resolução de pensar algo se deve colocar em prática, assim deve agir os profissionais da educação, mas infelizmente temos dois tipos de professores, há aqueles que retêm

o conhecimento e àqueles que transmitem conhecimento. A esses últimos os alunos sempre relembram, porque conseguiram abstrair conteúdo significativo. A teoria de Habermas, aplicada à ética educacional, afirma que deve haver consenso entre professor e aluno que ocorre a luz do conhecimento intersubjetivo, das pretensões de validade de um discurso, que sempre pressupõe no processo comunicativo a compreensão, a verdade e a justiça e essa postura ética deve ser aplicada a avaliação. A qual fornecerá ao entender, um potencial crítico, capaz de fortalecer através dos mecanismos pedagógicos da aprendizagem e os processos de argumentação dos agentes que participam da formação cultural.

A ação de avaliar é inerente a toda atividade humana e, portanto, é imprescindível em qualquer proposta de educação. Vale dizer que a avaliação abrange todos os momentos do ato de educar não se resumindo a ação de atribuir notas ou conceitos, mas sim, se concretizar numa ação reflexiva que contribui com indicativos importantes para redimensionar a prática pedagógica quando se fizer necessário. (BOUFLEUEUR, 2003, p. 25).

Sendo assim, a avaliação não pode ser considerada como obstáculo imposto aos alunos das classes desfavorecidas conforme concepção que lhe é estabelecida, o uso que dela se faz, processo de exclusão, podem ser considerados neste espaço, intensificando a seletividade social. Evidenciando-se a relação de poder no interior da escola, relações que buscam o controle dos sujeitos e das práticas pedagógicas. Sob a perspectiva ética de Kant e Habermas, a intersubjetividade se torna dialógica quando o outro é apreendido em sua totalidade e, nela há a relação ética, pois os alunos adquirem conhecimentos que são externados na avaliação. Mas, para que isso ocorra, a relação dialética deve se fazer presente e neste contexto se dá a aproximação discursiva em Habermas enquanto ação comunicativa as quais tendem para a emancipação ética e racional, onde professor e aluno aprendem e apreendem visando a autonomia e formação cada vez mais significativa e consciente, informando a importância do trabalho educativo com visão democrática de conjunto e compromisso dentro dos paradigmas educacionais.

Diante destes entendimentos, pudemos perceber que ao assumirmos a atitude de mediadores nos permitimos outra ação metodológica de suma importância para nosso relacionamento com a linguagem comunicativa, já que a mediação nos alça a outro patamar frente as nossas abordagens relacionadas à comunicação. E alunos e professores podem cultivar em si a ideia de pertencimento em relação à

ética comunicativa como também refletir e desenvolver um olhar mais crítico junto ao mundo que o cerca.

Os educadores devem estar preparados para observar nos educandos a diversidade de ritmos na apreensão dos conhecimentos, pois alguns vão aos poucos tomando contato com a Teoria da Ação Comunicativa proposta por Habermas e se motivando ou se familiarizando com este universo proposto pela escola da teoria crítica à luz da racionalidade kantiana.

Quanto mais todos tiverem a oportunidade de ressignificação do mundo por meio da especificidade da linguagem ética comunicativa, mais poder de percepção racional memória significativa terá para formar consciência de si mesmo e do mundo.

Mostrando alguns caminhos

O desenvolvimento deste projeto como sabemos aconteceu em oito encontros descritos abaixo. Porém, optamos por analisar aqueles mais significativos, ou seja, os que mais levaram os professores a reflexão e a necessidade de se mostrarem de modo verdadeiro.

- A importância da filosofia para a educação;
- Ética e educação;
- Teoria do agir comunicativo em Jürgen Habermas;
- A educação e o mundo da vida em Habermas;
- Discurso da práxis educativa e avaliação;
- Educação emancipatória, linguagem comunicativa e conselho de classe;
- Teoria da ação comunicativa: uma reflexão crítica sobre a prática;
- Ética exige disponibilidade para o diálogo.

A leitura da **Teoria da Ação Comunicativa** associadas à ética, educação e avaliação era um dos objetivos a ser atingido. Buscávamos o entendimento que poderia vir a ser um discurso ético avaliativo e quais eram os métodos utilizados por ele para que pudéssemos direcionar nossos instrumentos de leitura para melhor compreensão dos teóricos abordados.

Também desejávamos melhor entendimento dos conceitos filosóficos e por isso foi necessária à revisão de alguns conceitos, como: epistemologia, intersubjetividade, racionalidade, conhecimentos apriorísticos, analisamos alguns teóricos da teoria crítica³ e outros termos técnicos da filosofia.

Também foi pedido para que eles produzissem um relato para analisar o conceito de ética pessoal e fizessem anotações com intenções variadas entre ética moral tradicional, ética política e dialética, entre filosofia e metodologia de ensino.

Dos principais temas apresentados Kant necessitou maiores explicações, também revimos juntos aspectos do racionalismo e empirismo para que pudessem transitar com mais facilidade pela teoria de Habermas. Foi neste momento que as professoras demonstraram bastante desconforto, declarando umas as outras o pouco acesso ou compreensão em relação a algumas questões da filosofia, e em grande parte sentiram-se responsáveis por não “buscar saber mais” sobre a importância de conhecimentos filosóficos e sua importância para a educação. Foi necessário estabelecer um momento de desabafo onde todas puderam contar como foi sua formação acadêmica, suas buscas pessoais em filosofia e as diversas metodologias de enfrentamento, em sala de aula quando se trata de conhecimentos filosóficos, todas perceberam que realmente a filosofia tem papel fundamental na aquisição de conhecimentos precisando ampliar o leque de preferências de conhecimentos pessoais.

O que está em jogo é o sentido e a significação dos conceitos, mas a referência ao seu uso empírico não dispensa as formas puras da sensibilidade, em que o tempo e o espaço se estabelecem como instituições necessárias. Não se pode saber coisa alguma sem a representação dos objetos sob as condições de seus princípios puros, o que permite concluir que a uma unidade entre matéria e forma que conduz a produção de conceitos. (MORAIS, 2012, p. 51).

³ Teoria crítica da sociedade tem um início definido a partir de um ensaio-manifesto, publicado por Max Horkheimer em 1937, intitulado "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". Foi utilizada, criticada e superada por diversos pensadores e cientistas sociais, em face de sua própria construção como teoria, que é autocrítica por definição. A teoria crítica é associada à Escola de Frankfurt.

Pensar na filosofia da Linguagem Comunicativa é o que fez desencadear esta proposta de ação pedagógica, em princípio com conceitos apriorísticos, a partir deles a materialidade vinha como um dos conceitos a serem apreendidos e qual sua importância. Quais questionamentos deveriam ser feitos para que a arte do filosofar ajudasse na construção do diálogo?

Os suportes usados pela linguagem comunicativa e qual sua importância? Essas foram às questões debatidas junto aos colegas sempre considerando a real possibilidade de seu entendimento e o uso futuro em sala de aula e nas avaliações.

Foi um debate bastante proveitoso para todos nós, e assim que as percepções se aguçavam, via-se nos colegas uma interessante renovação de conceitos e autoconceitos frente à filosofia da linguagem comunicativa.

As abordagens propostas mostraram como os colegas professores construíram seus caminhos para pensar a mediação, a partir dos filósofos escolhidos (Kant, Habermas, Luckesi e Paulo Freire) e de que modo potencializaram desdobramentos promovendo diversos diálogos acerca da teoria do discurso rompendo com o pensamento pré-estabelecido e atualizando a forma de redimensionar a avaliação através da linguagem comunicativa.

Considerações finais

As contribuições da ética do discurso é forma de ajudar os professores em suas atividades diárias que refletem um universo pleno de inquietações, cuja necessidade se permite existir e está intrinsecamente ligada ao mundo que nos cerca. Habermas através da Teoria da Ação Comunicativa nos indica caminhos que devem ser seguidos. Ampliando horizontes contrários a linguagem instrumental que manipula e controla o ser humano através de falácias alienante. Cabe a cada um de nós traçarmos um caminho de forma ética, racional e consciente para que tenhamos uma educação emancipatória e de qualidade.

Os encontros realizados nesta pesquisa contribuíram para o diálogo entre os professores da rede estadual de ensino tendo como objetivos conduzi-los a uma compreensão de saberes na relação ética aplicada a educação para assim poder atingir um novo patamar de ressignificações avaliativas.

Por meio desses encontros, foi possível leva-los a entendimentos mais abrangentes dos procedimentos adotados para a linguagem comunicativa, assim como os mecanismos que ela utiliza para sensibilizar as pessoas que a abstraem.

Durante esse processo de troca de experiências observou-se que há um desejo por parte de todos em articular no conjunto maior consciência do apelo que a filosofia contemporânea tem junto aos nossos educandos que se sentem instigados a adquirir novos conhecimentos.

O conceito de professor mediador foi amplamente discutido durante todos os encontros e a cada debate sobre determinado assunto, via-se como os colegas percebiam que a ação de mediação é uma via metodológica e didática bastante humana e que permite maior proximidade, com nossos alunos, pois como afirma Paulo Freire (2005) “mexo com gente, não com coisas”.

Percebeu-se que os colegas sentem grande dificuldade de aceitação da filosofia. São temerosos e críticos devido à deficiência proveniente da formação acadêmica em relação à disciplina. No início, havia receio em expor os seus conceitos, mas ao longo dos encontros através do entrosamento a linguagem comunicativa fluiu e todos perceberam que a filosofia tem a função de orientar as demais ciências, passando a ser somente uma colaboradora na construção da racionalidade que lhe é implícita. Essas foram às contribuições da ética do discurso à práxis educativa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996, p. 232-256.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. Disponível em:<
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/1998/Educacao_e_filosofia/Trabalho/04_27_41_PEDAGOGIA_DA_ACAO_COMUNICATIVA.pdf>.
Acesso em 06 dezembro 2015.

BRASIL, 2013. LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Biblioteca digital. [Http://bd.camara.leg.br](http://bd.camara.leg.br)

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: EPU, 1977.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8ª ed. São Paulo: Centauro, 1974.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Cortez, 2011.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: ser, saber e fazer. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **A nova intransparência**: Novos Estudos. CEBRAP. São Paulo: nº 18, 1987.

HOFFMANN, J. M, L. **Avaliação: mito e desafio**: uma perspectiva construtivista. 25. ed. Porto Alegre: Mediação, 1991.

JUNIOR, José Fernandes P. **Habermas o diálogo para a busca pelo consenso.** Revista Filosofia. Disponível em <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/16/artigo181121-1.asp>> Acesso em 02 de Janeiro de 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MORAIS, Carlos Willians Jaques: **Filosofia educação e conhecimento:** subjetividade e intersubjetividade em Kant e Habermas. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MÜHL, Eldon Henrique. **Habermas e a educação:** ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: EDUPF, 2003.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia. Curitiba, 2008.

PORTA, Mario Ariel Gonzáles. **A filosofia a partir de seus problemas.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

REALE, Giovanni. **História da filosofia:** Do Humanismo a Kant. Col. Filosofia. Vol. II. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 908 - 922.